



GUIA DE ESTUDOS

CNE (2025)

A INTEGRAÇÃO DA EURÁSIA NO SÉCULO XXI, A
REALOCAÇÃO DA SOBERANIA E AS DISPUTAS COM
O OCIDENTE

DIRETOR

Jarbas Souto Dufor

DIRETORAS ASSISTENTES

Isadora de Oliveira Lima
Mariana Moura Paes Vianna

9a12oUT
EDIÇÃO VIRTUAL



PARCEIROS



ONUBR
Nações Unidas no Brasil



PUC Minas

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO DA EQUIPE	3
1.1. Diretor Jarbas Souto Dufor	3
1.2. Diretora Assistente Isadora de Oliveira Lima	4
1.3. Diretor Assistente Ramon Filipe Lopes de Souza	4
2. APRESENTAÇÃO DO TEMA	4
2.1. Entendendo a Eurásia	5
2.2. Histórico da integração na Eurásia	6
2.3. As dificuldades em promover a integração na Eurásia	12
3. OS INTERESSES DIVERGENTES NA INTEGRAÇÃO EURASIANA	13
3.1. A questão das Coreias	13
3.2. A questão da Mongólia e da Ásia central	15
3.3. O choque de interesses com o ocidente	15
3.4. Projetos alternativos de integração	19
4. APRESENTAÇÃO DO COMITÊ	21
5. PRINCIPAIS POSICIONAMENTOS NO COMITÊ	22
5.1. Rússia	22
5.2. Ocidente	23
5.3. China	23
5.4. Países do Leste Europeu	23
5.5. Países do Oriente Médio	24
5.6. Países da Ásia central	24
5.7. Países do Báltico	25
5.8. Países do Cáucaso	25
5.9. Coreias	26
5.10. Organizações multilaterais	26
6. PRINCIPAIS TEMAS A SEREM DISCUTIDOS	26
7. TABELA DE DELEGAÇÕES	27
REFERÊNCIAS	28

1. APRESENTAÇÃO DA EQUIPE

1.1. Diretor Jarbas Souto Dufor

Saudações, nobres e sublimes delegados e delegadas! Chamo-me Jarbas, me encontro atualmente no sexto período da graduação em Relações Internacionais da PUC Minas e serei o diretor do presente comitê na 22ª edição do MINIONU.

Minha história com esse magnífico projeto tem início ainda em 2019, quando eu recém chegado na universidade só estava buscando a oportunidade de fazer parte de algo interessante, foi quando me deparei com o MINIONU, ainda que não conhecesse a fundo o projeto. Nesse primeiro ano, fui voluntário no comitê de logística, o que foi contra minhas expectativas, mas se mostrou ser uma experiência incrível e transformadora.

No ano seguinte, em 2020, me inscrevi como diretor assistente no comitê AGNU (2020), que tratou das manifestações pró-democracia em Hong Kong e os conflitos com a China, edição essa que se mostrou um grande desafio, tendo em conta a necessidade de reestruturar todo o projeto com base no formato virtual, necessário devido à pandemia. Ainda assim, posso dizer que, certamente, participar do MINIONU em 2020 foi uma das poucas coisas boas que eu pude fazer naquele ano, e acredito que as coisas que foram e as coisas que serão estão diretamente ligadas a isso.

Esse ano, decidi ir um passo à frente e organizar meu próprio comitê, tendo como tema essa região que sempre me fascinou mesmo antes de ingressar na universidade, por se tratar de um lugar distante e misterioso, para o qual todas as forças parecem convergir. E, diante das diferenças gritantes entre os países que lá se inserem, é que surgiu essa questão: como se daria um processo de integração que considerasse todas as partes? Se é que algo assim é possível.

De todo modo, acredito que esse comitê vai se provar ser um grande desafio para mim, meus colegas e vocês delegados, mas um desafio que valerá o esforço, que valerá cada segundo investido, seja na simulação, nos treinamentos ou na produção do material. E é exatamente por esse motivo que aguardo ansiosamente para colher os frutos desse trabalho e recebê-los de braços abertos (ou nem tanto por causa da atual situação) e desenvolver um trabalho magnífico, digno de excelência e que fique registrado nos anais da história desse grande organismo vivo que é o MINIONU.

1.2. Diretora Assistente Isadora de Oliveira Lima

Oi! Prazer! Sou a Isadora de Oliveira Lima, tenho dezenove anos e estou muito feliz por fazer parte da equipe da Cúpula de Nações Eurasiáticas (2025) como diretora assistente. Em 2016, durante meu primeiro ano do Ensino Médio, participei da 17ª edição do MINIONU, quando atuei como delegada no Conselho de Direitos Humanos (CDH) das Nações Unidas e descobri minha paixão pelo projeto e pela diplomacia, o que me levou a escolher a PUC Minas para cursar Relações Internacionais três anos depois. Durante esta edição, estou cursando o quarto período do curso e acredito que o projeto trará experiências incríveis que, com certeza, serão muito importantes para o meu crescimento acadêmico e pessoal. Assim, me coloco à disposição para qualquer dúvida que vocês venham a ter e espero, ansiosamente, por nosso encontro, que será, sem dúvidas, muito proveitoso. Será um prazer conhecê-los!

1.3. Diretor Assistente Ramon Filipe Lopes de Souza

Olá, delegados e delegadas! Meu nome é Mariana Moura Paes Vianna, tenho dezoito anos e serei diretora assistente de vocês pelo comitê da Cúpula das Nações Euroasiáticas (2025) na 22ª edição do MINIONU. Estou muito feliz pela oportunidade de participar desse projeto e de eventualmente conhecer todos vocês mesmo nessas novas condições que a pandemia nos trouxe, mas tenho certeza que de qualquer modo vai ser uma experiência incrível tanto para mim quanto para vocês! Estou atualmente no terceiro período de Relações Internacionais e sou completamente apaixonada pelo curso, é uma área que persiste em me fascinar cada dia mais, e com o MINIONU não seria diferente. Não cheguei a participar do projeto enquanto estudante do Ensino Médio, mas nunca deixei de achar uma iniciativa incrível e que pode acrescentar tanto no crescimento pessoal como acadêmico. Espero que vocês aproveitem ao máximo esse projeto e estarei sempre à disposição para qualquer dúvida que vocês venham a ter. Será um prazer conhecer todos!

2. APRESENTAÇÃO DO TEMA

O presente comitê terá como tema um novo processo de integração regional na Eurásia, as implicações desse processo, os problemas na construção de um projeto supranacional que atenda às demandas de todos os atores envolvidos, bem como os prováveis impasses que poderão surgir entre as principais potências envolvidas, quais sejam, a Rússia, a China e as forças do Ocidente formadas pelos Estados Unidos da América e a União Europeia como bloco único.

Diante disso, iniciaremos este guia fazendo uma breve apresentação das diferentes concepções do que vem a ser a Eurásia, bem como um histórico dos processos de integração regional e os efeitos gerados por estes nas relações entre os atores da região, tanto do ponto de vista político quanto identitário. Em seguida, apresentaremos as dificuldades que se revelam no processo de construção de um projeto consistente de integração regional na Eurásia, abrangendo os conflitos de interesse entre os países ali presentes, bem como as disputas políticas entre as grandes potências, em especial a Rússia e o Ocidente.

2.1. Entendendo a Eurásia

A Eurásia se localiza entre os três grandes oceanos, sendo uma gigantesca massa continental que engloba os continentes europeu e asiático, se estendendo desde Portugal no Atlântico, até o Japão no Pacífico, reunindo países extremamente distintos do ponto de vista político e cultural. Entretanto, há uma região em que essas diferenças contrastantes dão espaço a algo completamente único, mas que ao mesmo tempo parece estar perdido no espaço: as terras centrais da Eurásia, donde se estende a Rússia e os Estados que a circundam, os quais compreendem em si mesmos uma civilização diferente de todas as outras, que mescla aspectos tanto europeus quanto asiáticos, chamada por alguns autores como Samuel Huntington (2010) de “Civilização Ortodoxa”.

A Civilização Ortodoxa é formada majoritariamente por dois grupos étnicos: os povos eslavos do leste europeu e os povos turcos da Ásia central, que ao longo da história, ocuparam uma região que se caracteriza por ser uma fortaleza natural protegida pelo relevo através de extensas cadeias de montanhas, desertos e o ártico, constituindo uma bacia impenetrável

repleta de recursos naturais e terras férteis, entendida com o pivô geográfico da história, em torno do qual ocorreriam os grandes conflitos e as grandes disputas por poder (MACKINDER, 2004).

Doravante, esses povos eurásianos se distinguiram dos demais por terem conjugado traços culturais que remetem tanto à cultura europeia (como a religião cristã no caso do leste europeu), quanto à cultura asiática (como a arquitetura e a arte), além de também criar aspectos singulares como o alfabeto cirílico, oficial na maioria dos países da região.



Figura 1: Mapa das civilizações segundo Huntington exibindo entre elas a civilização ortodoxa ou eurásiana.

Fonte: O Choque de Civilizações. 2010.

Como se observa no mapa, o espaço correspondente à civilização ortodoxa é dado justamente no limiar entre o ocidente e o oriente, entre a civilização europeia e as civilizações chinesa e islâmica. Uma das razões para isso é o fato de que as terras centrais constituem um grande vazio demográfico que isolou os polos civilizacionais. Quando esses povos se encontram, é gerado um intercâmbio cultural que permitiu o desenvolvimento de uma nova identidade própria, que absorve aspectos tanto de um lado quanto do outro.

2.2. Histórico da integração na Eurásia

Ao se pensar na Eurásia e nos processos de integração regional ocorridos nela, o que normalmente vem à mente é a ideia da Rússia como principal ator em torno do qual todos os

demais orbitam; isso, entretanto, nem sempre foi realidade. O papel da Rússia como o motor da unificação política da Eurásia só teve início entre os séculos XVII e XVIII, com a conquista da Sibéria e a expansão do Império russo para a Ásia central.

De fato, o primeiro grande processo de integração regional eurasiático aconteceu com as conquistas mongóis de Gengis Khan e seus sucessores ao longo do século XIII, que construíram o maior império da história em termos de território contínuo, se estendendo da China até a Polônia, e da Pérsia até a Sibéria. O estabelecimento do vasto Império Mongol deu início a um período de relativa estabilidade na região conhecida como *Pax Mongolica*, referente à relativa paz promovida pela administração dos governantes mongóis (SHAGDAR, 2000).

Deve-se atentar, porém, ao fato de que tal integração se deu por meio da conquista e da dominação, o que implica dizer que, apesar dos progressos feitos em termos de integração econômica e política, houve uma nítida opressão realizada contra essas nações pelos mongóis, como os inúmeros massacres cometidos com o objetivo de conter insurreições e revoltas internas, bem como opressão cultural, como a realizada contra os muçulmanos.

Um dos feitos mais notáveis desse período foi a aproximação comercial ocorrida entre a Europa e o Oriente em decorrência da unificação dos impostos sobre as mercadorias ao longo do império e do próprio fato de que o domínio mongol tornou as principais rotas comerciais mais seguras para as caravanas de mercadores que se deslocavam entre os continentes. Tal fato fez com que sistemas econômicos antes isolados em seus próprios impérios fossem unificados em um grande sistema continental, ligado através de grandes rotas, como a lendária rota da seda (ABU-LUGHOD, 1991). No entanto, a integração promovida pelos mongóis também trouxe complicações, sendo o motivo da disseminação de uma das maiores epidemias da história humana: a peste negra, que se originou na China e foi levada através da rota da seda até a Europa ocidental, onde mais de um terço da população veio a falecer (HOWARD, 2020).

Com o colapso do Império Mongol nas décadas seguintes, o Grão-Ducado de Moscou se expandiu através do mar Báltico e dos montes Urais na direção da Sibéria, quando então Ivan IV assumiu o antigo título bizantino de Czar, criando o Czarado da Rússia, que por sua vez durou até 1721, quando o Czar Pedro, o Grande, criou oficialmente o Império Russo.

Durante seu governo, o Czar Pedro manteve um esforço enorme para ocidentalizar¹ a Rússia, realizando um grande intercâmbio cultural com a Europa através das ciências e das artes, que fizessem com que seu Império fosse reconhecido como um igual pelos seus pares europeus, que até então enxergavam a Rússia como uma terra selvagem e desconhecida. Esse esforço, que deu a Pedro o epíteto de “O Ocidentalizador”, também levantou muitos debates à época sobre a real identidade da Rússia e dos demais povos eslavos, e se eles de fato eram parte da civilização ocidental ou se compunham algo diferente daquilo que existia na Europa Ocidental (SEGRILLO, 2016). Um dos grandes expoentes desse debate foi o filósofo Petr Chaadaev, que expôs em suas cartas esse sentimento confuso em relação à identidade dos povos da Eurásia.

Posicionados entre duas das principais partes do mundo, Oriente e Ocidente, apoiando-se em um ombro na China e no outro na Alemanha, deveríamos fundir em nós os dois grandes princípios da natureza espiritual — a imaginação e a razão — e combinar, em nossa civilização, a história do mundo inteiro. Mas tal papel não foi determinado a nós pela Providência [...] Solitários no mundo, não demos nada ao mundo, nada lhe ensinamos. Não introduzimos nenhuma ideia na massa de ideias da humanidade, não contribuimos para o progresso da razão humana. [...] Um dos traços mais deploráveis de nossa peculiar civilização é que ainda estamos descobrindo verdades já assumidas pelos outros povos [...] A razão é que nunca marchamos junto com os outros povos. Não pertencemos a nenhuma das grandes famílias da raça humana. Não somos nem Ocidente nem Oriente e não temos as tradições de nenhum deles. Colocados como que fora do tempo, a educação geral do gênero humano não nos alcançou (CHAADAEV, 2009 apud SEGRILLO, 2016, p. 12).

Durante esse período, as populações de origem asiática sob o domínio russo passaram por um leve processo de assimilação cultural, que envolveu por exemplo, a difusão de um alfabeto comum (o cirílico) conforme citado anteriormente. Para além disso, não houve um grande projeto de integração, haja vista as enormes dimensões do Império que dificultavam a execução de qualquer projeto de longo prazo. Ainda assim, a mobilização militar e o esforço de guerra durante grandes conflitos, como as guerras napoleônicas e as guerras russo-nipônicas, ajudaram a construir um senso de nacionalidade apreendido pelos diferentes povos das terras anexadas como sendo parte de um único grande Império (SEGRILLO, 2016).

Uma das principais forças responsáveis por isso foram os cossacos das estepes ucranianas, que tiveram um papel determinante na conquista de diversos territórios, sobretudo no Cáucaso e na Ásia central, como por exemplo o Cazaquistão. Os cazaques, de forma especial, não se contentaram com a presença dos russos, que estabeleceram uma forte

¹ Por ocidentalizar, entenda-se: o processo no qual se busca absorver a cultura ocidental, entendida principalmente como a cultura europeia ocidental, bem como se inserir nas dinâmicas políticas e sociais do ocidente como um ator a ser considerado.

ocupação militar na região e tornaram obrigatório o ensino da língua russa nas escolas, o que fez com que ao longo dos anos, ocorressem diversas revoltas dos cazaques contra os russos, culminando na grande revolta de 1916 (MORRISON, 2020).

Em outubro de 1917, a revolução bolchevique pôs fim ao Império Russo e deu início ao regime comunista, que, em 1922, reuniu em uma conferência as repúblicas socialistas da Rússia, Ucrânia, Transcaucásia, e Bielorrússia, e fundou então a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), um mega Estado que, em poucos anos, se expandiu pela Eurásia, construindo uma estrutura de poder jamais vista antes na história. Ainda nos primeiros anos da URSS, os esforços de integração dos agora povos soviéticos se deu pela adoção de uma política chamada *korenizatsiya*, a qual se baseava em indicar políticos e líderes de diferentes nacionalidades dentro da União para cargos públicos de alto escalão, de modo a criar uma vivência mais harmoniosa e amenizar as tensões existentes, principalmente entre russos e minorias étnicas, mas que também eram presentes nas demais repúblicas socialistas (GREENACRE, 2016).

Entretanto, com a chegada de Josef Stalin ao poder, a *korenizatsiya* foi abandonada e substituída por um explícito processo de russificação das demais etnias, a qual se deu no sentido de construir uma identidade comum a todos os povos da união e reforçar a imagem de um novo homem soviético, entendido como o cidadão educado na ética comunista, bem como do modelo de sociedade soviética idealizada pelos bolcheviques por um processo de imposição cultural intitulado como sovietação², que incluiu não somente a adoção de um novo estilo de vida, mas também a eliminação das classes consideradas inimigas das repúblicas socialistas, através da execução ou do exílio em massa para os gulags (MARTIN, 2001).

Outro aspecto da russificação promovida por Stalin foi a alocação de populações de origem russa para regiões consideradas de grande importância para a União, como por exemplo para as planícies do leste da Ucrânia, as quais possuíam terras férteis que favoreciam a agricultura, sendo inclusive esse um dos motivos que levaria aos conflitos na região do Donbass, no ano de 2014. Durante esse período, o novo modelo de economia planificada³ foi implementado em todos os membros da União, o que trouxe, por um lado, grandes problemas, principalmente na distribuição dos alimentos, mas que, por outro lado, promoveu um processo de industrialização extremamente acelerado, como ocorrido nos países do Báltico durante a

² Por sovietação entenda-se o processo de assimilação cultural dos diversos povos da União Soviética em um único povo unido pelos ideais e pela ética Marxista/Comunista.

³ Por economia planificada entenda-se o modelo econômico adotado pelo socialismo onde toda a base econômica e os meios de produção são controlados e racionalizados pelo Estado.

ocupação soviética no pós-guerra (HIDDEN; SALMON, 1994). Ainda assim, houve também o compartilhamento de tecnologia e armamentos de forma estratégica entre as Repúblicas, a exemplo da alocação do arsenal nuclear da Ucrânia e da construção do cosmódromo⁴ de Baikonur no Cazaquistão, onde ocorreram todos os grandes lançamentos soviéticos durante a corrida espacial (PIKE, 2005).

Entre o fim da década de 1980 e o início da década de 1990, a URSS já começava a apresentar sinais de crise que culminaria na sua dissolução em 1991. Ainda no mesmo ano, o presidente russo Boris Ieltsin liderou as demais Repúblicas Soviéticas na criação de uma comunidade alternativa, que possibilitasse relações econômicas e políticas próximas, mas que ao mesmo tempo preservasse a autonomia e soberania de cada um dos países membros, criando assim a Comunidade dos Estados Independentes (CEI), a qual reunia as antigas repúblicas socialistas em novo bloco unido pelo passado comum como partes da União Soviética, mas sem grandes planos para uma integração mais ampla a longo prazo (CIS, 2017).

Ademais, no ano seguinte, em 1992, é constituída de forma paralela à CEI a Organização do Tratado de Segurança Coletiva, que incluiu a Rússia, a Bielorrússia, o Cazaquistão, a Armênia, o Quirguistão e o Tadjiquistão em uma aliança militar exclusiva, baseada no princípio de segurança coletiva, na qual a ameaça ou ataque a um membro implica em um ataque a todos os membros, semelhante ao que ocorre na Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), além de incluir o compartilhamento de tecnologias e a realização de exercícios militares conjuntos (CSTO, 2019).

Outro importante projeto que data dessa época é a Organização para a Cooperação de Xangai, formada em 1995 reunindo os principais atores do continente asiático, como Rússia, China, Índia e Paquistão. A OCX foi criada com o intuito de promover a cooperação entre os membros, sobretudo do ponto de vista econômico e militar, prevendo ações conjuntas de manutenção da paz (SECSCO, 2015). As ações da OCX visam principalmente conter movimentações terroristas e separatistas, mas suas resoluções são frequentemente vistas como anti ocidentais, tornando-a uma espécie de organização de cooperação alternativa ao Ocidente.

Anos depois, em 2011, o então primeiro-ministro russo Vladimir Putin expressou seu desejo de criar uma união de ex-Estados soviéticos em um bloco único projetado a partir da integração econômica, tendo início com o estabelecimento de uma união aduaneira entre a

⁴ Por cosmódromo entenda-se uma estação ou base de lançamentos espaciais de foguetes, ônibus espaciais, satélites, etc.

Rússia, a Bielorrússia e o Cazaquistão, mas já objetivando uma união mais ampla com os demais países eurásianos. “Nós não vamos parar aqui e estamos estabelecendo um objetivo ambicioso: alcançar uma integração ainda maior na União Euroasiática” (PUTIN apud BRYANSKI, 2011, tradução nossa)⁵. A fala de Putin demonstra o explícito interesse da Rússia em não apenas transformar a UEE no principal mecanismo de integração regional, mas também de consolidar uma integração mais abrangente, até o nível da unidade política.

Em 2014, uma conferência organizada pelo agora presidente Putin, reuniu vários acordos econômicos existentes entre os países eurásianos relativos à criação de uniões aduaneiras, tais como os Tratados do Espaço Econômico Comum da Eurásia, em um único acordo firmado entre Rússia, Bielorrússia, Cazaquistão, Armênia e Quirguistão, o qual oficializou a criação da União Econômica Eurasiática, elaborada como uma entidade regional supranacional que, diferentemente da CEI, busca no longo prazo um avanço para além da integração econômica, objetivando também uma integração política, tomando como inspiração aquela construída na União Europeia (EAEU, 2019).

Essa visão de unidade política no longo prazo, objetivada pela Rússia, não foi tão bem aceita por todos os signatários, já que outros membros, como o Cazaquistão, não compartilhavam a mesma visão de longo prazo, conforme dito pelo primeiro-ministro Bakytzhan Sagintayev: “Não estamos criando uma organização política; nós estamos formando uma união puramente econômica. [...] É um meio pragmático para obter benefícios. Nós não nos metemos no que a Rússia faz politicamente e eles não podem nos dizer qual política externa seguir” (SAGINTAYEV apud MACFARQUHAR, 2014, tradução nossa)⁶.

Atualmente, essa política externa russa de caráter expansionista e em certa medida irredentista, que busca restabelecer a Eurásia como a esfera de influência naturalmente pertencente à Rússia, é sustentada por um movimento político e ideológico intitulado de “neo-eurasianismo”, o qual tem como seu principal expoente o professor da Universidade Estatal de Moscou e ex-conselheiro do Kremlin, Alexander Dugin. A visão do professor Dugin compreende o eurasianismo como mais do que simplesmente um fundamento geopolítico, mas como uma filosofia mais ampla, de caráter histórico, geográfico, estratégico, social e cultural, que em última medida entende o dever divino da Rússia defender a

⁵ “We are not going to stop there and are setting an ambitious goal – to achieve an even higher integration level in the Eurasian Union”.

⁶ “We are not creating a political organization; we are forming a purely economic union. [...] It is a pragmatic means to get benefits. We don’t meddle in what Russia is doing politically, and they cannot tell us what foreign policy to pursue”.

civilização eurásiana das forças atlanticistas, entendidas como o ocidente, que teriam por objetivo destruir a cultura e a tradição dos povos da Eurásia (MATOS, 2012).

Todavia, ressalta-se que a visão de Dugin expressa um aspecto específico do neo-eurasianismo e não corresponde à sua totalidade. Outras figuras, como o próprio chanceler Sergey Lavrov, entendem o eurasianismo de forma pragmática, como um meio de promover a inserção internacional da Rússia a partir da cooperação regional (LAVROV, 2020). Do mesmo modo, não é possível dizer que o eurasianismo é o único norte da política externa russa, mas apenas um dos vários elementos considerados dentro da tradição do pensamento internacional russo, embora seu peso de fato seja relativamente maior.

Todo esse longo e complicado trajeto nos processos de integração fez com que se estabelecesse uma relação de desconfiança entre a Rússia, como potência regional, e os demais Estados da região, que passaram a ver as tentativas russas de promover novos processos de integração regional muito mais como uma forma de reestabelecer seu poder na região de forma arbitrária do que propriamente um esforço cooperativo que atenta a todos os lados. Isso culminou na criação de outras iniciativas de integração criadas à parte da Rússia, como a já extinta União da Ásia Central e a ainda ativa Comunidade do Báltico.

2.3. As dificuldades em promover a integração na Eurásia

Com base nas informações apresentadas anteriormente, pode-se concluir que os processos de integração na Eurásia passam por alguns problemas que os tornam menos viáveis se comparados, por exemplo, ao processo de integração na Europa Ocidental, que culminou na criação da União Europeia, que, apesar de levantar disputas de poder entre os Estados membros, ainda é capaz de manter forte cooperação na coexistência dos mesmos. É importante ressaltar que nem todos os projetos de integração regional necessariamente objetivam o grau de integração da UE. Mas nesse caso, um dos projetos discutidos terá exatamente essa finalidade.

A integração da Eurásia, por outro lado, passa por duas dificuldades principais: a primeira é que, diferentemente da Europa Ocidental, os países eurásianos possuem uma enorme assimetria de poder, o que faz com que, na maior parte do tempo, os processos de integração se manifestem muito mais como uma projeção de poder de uma superpotência local (inicialmente a Mongólia e posteriormente a Rússia) do que como uma iniciativa conjunta das diversos Estados em prol de um objetivo comum. Assim, aquelas com uma

menor capacidade relativa acabam geralmente tendo que se submeter a imposições advindas do poder maior, ainda que esses Estados também possuam interesses e objetivos próprios e tentem, na medida do possível, fazer avançar sua agenda em contraposição àquela das grandes potências. Em segundo lugar, cabe citar o fato de que os países periféricos da Eurásia se localizam na interseção das zonas de influência dos maiores poderes globais: a Rússia, a China e o Ocidente, na figura da União Europeia e da Organização do Tratado do Atlântico Norte (e, por conseguinte, dos Estados Unidos). Isso faz com que esses países de menor peso acabem servindo muito mais como peões no jogo das grandes potências e na sua constante empreitada de expandir seu poder.

No caso das interseções entre a Rússia e a China, essa disputa não é tão intensa, haja vista a boa relação entre os dois países. O mesmo já não pode ser dito da interseção entre a Rússia e o Ocidente no leste europeu, onde a primeira busca consolidar seu poder e sua dominância, enquanto o segundo tenta avançar buscando trazer mais países para a OTAN, o que deixa países como a Ucrânia no centro dessa grande disputa geopolítica. A seguir, exploraremos esses dois pontos de forma mais abrangente, a fim de permitir um entendimento mais amplo da questão.

3. OS INTERESSES DIVERGENTES NA INTEGRAÇÃO EURASIANA

Como apontado anteriormente, os processos históricos da região levaram a dois principais pontos de tensão entre os países ali presentes: o primeiro se dá no sentido da percepção negativa dos atores de menor peso acerca das iniciativas russas ou mesmo ocidentais e chinesas como uma tentativa de imposição e dominação política, enquanto as potências, por sua vez, se veem no direito de exercer seu domínio na região a despeito das contestações dos atores menores. O segundo ponto se dá pela falta de coesão entre esses atores que permita uma articulação capaz de mobilizar um projeto próprio que desafie os projetos impostos pelas grandes potências. Nos subtópicos seguintes, serão apresentados dois exemplos de como alguns países acabaram por se tornar peões no jogo das grandes potências, não sendo capazes de articular uma terceira via ou um projeto próprio.

3.1. A questão das Coreias

A península das Coreias pode ser vista como um nítido exemplo da falta de coesão entre os principais atores da região, bem como da instrumentalização por forças externas. Tal fato pode ser mais bem compreendido por meio de uma breve recapitulação do episódio histórico da Guerra das Coreias. Uma das guerras mais famosas do continente asiático é a Guerra das Coreias, que é uma representação do embate direto entre capitalismo e socialismo.

No início do século XX, o Japão emergiu como potência e encontrou o pretexto ideal para uma intervenção militar no território coreano: uma revolta interna. Assim, forçou a China a reagir e defender sua influência na Coreia e a primeira guerra Sino-Japonesa estourou em 1894, e culminou na factível derrota do exército chinês um ano depois. Diante dessa situação, a China e o Japão assinaram o Tratado de Shimonoseki, que reconhecia a independência da Coreia, e, liderada por um governo pró-Japão, obrigava a China a renunciar quaisquer reivindicações territoriais sobre o país (VALK, EICHNER, ROMAN, TESSUTO, 2017).

A Rússia, que até então não havia se envolvido na disputa pelas Coreias, desafiou a recém conquista japonesa e mostrou interesse no território, principalmente da Manchúria, o que criou um cenário propício para uma disputa entre as duas potências. O conflito, de ordem terrestre e marítima, culminou na vitória dos japoneses e acabou com todas as possibilidades de ameaças externas sobre a sua hegemonia no território, e terminou com uma ocupação do território no ano de 1910 e com a mudança no status da Coreia para protetorado japonês (VALK, EICHNER, ROMAN, TESSUTO, 2017).

Foi nesse contexto que a Coreia viveu um período marcado pela exploração de seus recursos naturais e de seus cidadãos - por meio da imposição do trabalho escravo e da violação dos direitos humanos. A conjuntura violenta propiciou o florescimento de movimentos com sentimentos nacionalistas fortes, que cresceram e se fortaleceram de modo a surpreender os japoneses, que pensaram que suas medidas cada vez mais imponentes enfraqueceriam o ideal nacionalista ao invés de fortalecê-lo. Ainda assim, o movimento se revelou insuficiente e os gritos por independência foram ignorados e silenciados até a Segunda Guerra Mundial (VALK, EICHNER, ROMAN, TESSUTO, 2017).

No cenário da Segunda Grande Guerra, poucos dias antes da rendição japonesa, tropas da União Soviética ocuparam o norte da Coreia com o intuito de derrotar o exército japonês ali presente. Diante disso, a possibilidade de a URSS ampliar sua zona de influência causou desconforto nos EUA, que decidiram reagir por meio da divisão da península em duas zonas

de influência e ocupação do sul. Devido a sua ligação com as duas superpotências do período, a península coreana constituiu uma área bastante sensível durante a Guerra Fria. Por isso, consolidou-se como o primeiro conflito direto da Guerra Fria, quando Estados Unidos e União Soviética utilizaram "de sua influência política e econômica para fomentar a rivalidade ideológica interna nos países do Terceiro Mundo" (VALK, EICHNER, ROMAN, TESSUTO, 2017).

Ainda persiste, atualmente, um jogo de interesses na região, especificamente em relação à Coreia do Norte que ora busca se aproximar da China, ora busca se aproximar da Rússia, na medida em que ambas as potências tentam colocar o país sob sua esfera de influência, ou ainda o transformar em uma espécie de Estado subserviente. Por outro lado, tem-se a Coreia do Sul que encontra nos Estados Unidos seu maior aliado, mas que recentemente também tem tentado estabelecer boas relações com a China, o que tem desagradado seus aliados estadunidenses.

3.2. A questão da Mongólia e da Ásia central

A história da Mongólia é formada por diferentes fases de influência, ora pela China, ora pela Rússia, e isso se reflete no seu comportamento e convergências de interesse atuais. Contextualiza-se, então, que o Estado mongol foi formado, inicialmente, por grupos tribais nômades em 1206 e que seus sucessores conquistaram praticamente toda a Eurásia, incluindo a Rússia e a China, e mantiveram sua forte influência por mais de dois séculos. Porém, em 1691, quando a China já estava sob domínio de outro povo, submeteram a Mongólia ao seu poder, e mais de 200 anos depois, em 1911, a Mongólia passou de província chinesa a um Estado autônomo sob proteção russa. Tal influência, no entanto, durou apenas oito anos, já que em 1919 a Revolução Russa abriu espaço para que a China reestabelecesse seu poder sobre a região. Ainda assim, dois anos depois, os soviéticos ocuparam a capital mongol e os russos voltaram a exercer seu poder sobre os mongóis. Posteriormente, em 1924, a Mongólia proclamou-se independente e consolidou seu regime socialista, porém só veio a ser reconhecida pela China em 1946.

De forma similar, os Estados islâmicos da Ásia Central foram utilizados ao longo da história como espaços de disputa geopolítica. Esse uso remonta ainda ao século XIX e início do século XX com o chamado “Grande Jogo” entre o Império Russo e o Império Britânico, contexto no qual os russos avançavam para o sul anexando o Cazaquistão e outros países no

caminho, ao passo que os britânicos avançavam para o norte partindo das colônias na Índia. Essa disputa deu origem ao Afeganistão como um Estado com a função de impedir o atrito entre os dois impérios. Em 1979, a antiga União Soviética tenta ocupar o território afegão e é duramente repelida. Após o 11 de setembro, os Estados Unidos invadem o Afeganistão como parte da guerra ao terror⁷, mas ao mesmo tempo se estabelecem lá, transformando o país em uma espécie de plataforma de lançamento até o território russo.

3.3. O choque de interesses com o ocidente

A corrida armamentista entre os soviéticos e os estadunidenses, impulsionada pela demonstração de força bélica, revelou outra grande zona de conflito identificada na busca incessante das duas grandes potências pelo papel influente no processo decisório dos demais países ao redor do mundo. O bloco socialista, composto por aliados nominais da União Soviética como os países da Europa Oriental, Cuba, China, Vietnã e Coreia do Norte, assinava o Pacto de Varsóvia, enquanto o bloco capitalista, comandado pelos EUA, era composto pelo Canadá, Austrália, além dos países da Europa Ocidental, que se norteavam pela Organização do Tratado do Atlântico Norte. Ambas as coalizões militares criadas após o fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) buscavam canalizar forças e neutralizar a capacidade beligerante alheia no sentido de contrapor interesses em escala global. O desenvolvimento da OTAN como resposta dos países ocidentais à ameaça do avanço comunista no leste da Europa e a formação do Pacto de Varsóvia como desenlace das medidas estabelecidas entre os membros da OTAN, apontam para a escala de conflitos posteriores e para forças efetivas na história que culminaram no forte impasse geopolítico no início do século XXI.

O fim da Guerra Fria (1947-1991) foi um dos eventos recentes mais importantes na história da humanidade. O desfecho dessa tensão mundial entre os Estados Unidos da América e a extinta União Soviética proporcionou desdobramentos fundamentais para as disputas geopolíticas que vieram a seguir entre a Rússia e o Ocidente, principalmente após a fragmentação da União Soviética em 1991, quando o então líder soviético Mikhail Gorbachov decretou oficialmente o fim da Federação Soviética e, por consequência, a independência das Repúblicas que compunham a agora desmantelada URSS.

Sabe-se que, ainda hoje, episódios envolvendo atritos diplomáticos entre a Rússia e o Ocidente, em particular a OTAN, demonstram, em sua essência, a existência de resquícios de

⁷ Entenda-se aqui como a campanha iniciada pelos Estados Unidos após os atentados do 11 de setembro que visava combater a emergência de supostos grupos terroristas no mundo islâmico.

caráter bipolar consolidado na escalada de conflitos que se desenvolveram no contexto da Guerra Fria. Neste sentido, o desfecho que levou a essa tensão mundial, também proporcionou desdobramentos fundamentais para as disputas geopolíticas que vieram a seguir entre a Rússia e o Ocidente.

Assim, o fim da Guerra Fria não representou o fim da odisséia geopolítica e diplomática entre a Rússia e o Ocidente (muitas vezes simbolizado pela figura da OTAN), mas as revelou como uma constante na história. Para Mackinder, um dos fundados da Geopolítica, o chamado *Heartland*⁸ seria a Eurásia, pela sua extensão e riqueza natural, sendo, portanto, a mola propulsora para os países que já surgiam com ânsia de poder, ainda no início do século XX. "Quem domina o leste da Europa, domina o *Heartland*. Quem domina o *Heartland* reina na 'Ilha do Mundo'. Quem domina a 'Ilha do Mundo' governa o mundo inteiro" (MACKINDER, 2004). Esta conjuntura facilita a compreensão da dinâmica geopolítica entre a Rússia e o Ocidente, na medida em que a Eurásia se resume a uma amostra da imposição e consolidação para os russos no cenário internacional e, simultaneamente, compõe parte de um projeto de expansão da OTAN para o Oriente.

Essa expansão é constitutiva da atual disputa geopolítica que ocorre sobretudo no leste europeu, onde a OTAN tenta expandir sua influência pela conquista de novos aliados e pelo estabelecimento de relações de parceria na mesma medida em que a Rússia tenta preservar sua esfera de influência e manter aqueles países alinhados com os seus próprios interesses em detrimento dos interesses do Ocidente, ainda que para tal fosse necessário tomar cursos de ação mais enérgicos que desafiassem frontalmente os poderes Ocidentais.

Provavelmente, o maior exemplo disso foi a crise na Ucrânia, que remonta a 2013, quando ocorreram as manifestações do Euromaidan que pediam do governo pró-Rússia de Yanukovytych uma maior aproximação e eventual integração à União Europeia, pedindo posteriormente sua renúncia, que ocorrida levou à ascensão de um governo de transição pró-europeu. A política do novo governo de aproximação com o Ocidente levou a uma grande agitação das populações de origem russa no leste do país que culminou na eclosão de uma guerra civil em 2014, a qual teve uma evidente participação da Rússia como fornecedora de armas e equipamentos para os rebeldes separatistas na região do Donbass, que proclamaram a criação da chamada Confederação da Nova Rússia (GRYTSENKO, 2014).

Ressalta-se, ainda, a invasão e a subsequente anexação da Crimeia ao território russo ainda no contexto da guerra civil, e que posteriormente foi referendada pela população da península,

⁸ Usualmente traduzido como 'Coração do Mundo'.

cuja maioria se identifica etnicamente mais como russos do que como ucranianos. Ademais, as ações da Rússia na questão ucraniana demonstraram a capacidade e a vontade do país em tomar qualquer curso de ação necessário para preservar aquilo que é entendido como o domínio russo no leste europeu. E de fato, após os ocorridos de 2014, as potências Ocidentais têm desacelerado seu projeto de expansão para o leste, limitando-se a impor sanções e restrições econômicas à Rússia por supostamente ter usurpado o território ucraniano, mas não mais têm tentado ações mais frontais ou mais provocativas. Ademais, os apontamentos geopolíticos e comerciais sugeridos por Mackinder eventualmente se subentendem como parte funcional da estratégia de poder dos atores na região eurásiana.

O desgaste na relação entre a Rússia e o Ocidente, também é fomentado pelo aspecto cultural que, de certa maneira, influi decisivamente na diplomacia entre os atores. Esta dimensão é facilmente percebida pela tentativa de imposição do modelo de democracia ocidental e cooperação econômica multilateral nos países eurásianos, por parte do Ocidente. Nota-se também um choque identitário desencadeado pela reconstrução da identidade russa e, por consequência, o seu nacionalismo, tendo ápice no governo Putin num contexto pós-URSS (BOHL, 2016). Não suficiente, este aspecto também revela o modo como o povo russo enxerga a liderança política do país e projeta expectativas sobre ela, o que permite entender o contraste entre as visões russa e ocidental. Como destaca o escritor estadunidense Ryan Bohl:

Esse é um grande motivo pelo qual os ocidentais subestimam Putin. Se um líder ocidental algum dia comesse uma guerra que resultasse em uma crise econômica como a de Putin, ele seria destituído nas próximas eleições. Mas os russos não veem o fracasso de Putin em negociar como um fracasso em liderar; eles veem suas escolhas decisivas e carregadas de projeteis como tentativas claras de evitar mais invasões ocidentais. (BOHL, 2016, tradução nossa).

Nesse sentido, o argumento do escritor decorre da observação cuidadosa de um traço cultural específico de sociedades como a russa. Sob este olhar, tal especificidade cultural reflete potencialmente na condução da política externa de forma que, a partir desta condição, a necessidade da política do conflito se torna iminente e imprevisível, uma vez que a Rússia e o Ocidente se percebem envoltos num processo de mudança resumido pela adequação da postura russa como iminente potência regional ante a imposição histórica dos interesses ocidentais. Não obstante, esta situação também remonta ao papel efetivo das pequenas potências no desenrolar da disputa geopolítica regional entre a Rússia e o Ocidente (BOHL, 2016).

Sob este panorama substancialmente nebuloso advindo das dificuldades encontradas na bifurcação das posições russa e ocidental, se materializa um desejo de construir um projeto de integração regional da Eurásia. No entanto, tal desejo perpassa, todavia, não só pela ânsia dos países eurásianos em preservarem suas respectivas soberanias, dada a natureza contrastante que implicam dos atritos entre a Rússia e o Ocidente na região, mas também pelos esforços estratégicos da Rússia e do Ocidente. O fato é, que, em termos políticos, a tentativa de contornar esses transtornos observados na região também encontra forte resistência e requer uma ação concreta conjunta bastante delicada, já que se tem o apoio incondicional russo, por um lado, e críticas ocidentais, por outro. O mesmo se percebe em matéria econômica e militar, uma vez que o custo econômico e militar seria alto, tendo em vista a preferência de um ao outro. Exemplo disso, seria o custo de oportunidade de minar acordos econômicos com os russos com o objetivo de consolidar relações com o Ocidente e, simultaneamente, a perda considerável do apoio militar russo.

Doravante, os países eurásianos se percebem, cada vez mais, em meio a um jogo geopolítico, no qual se identificam com as peças coadjuvantes, incapazes de se destravarem da forte tensão entre a Rússia e o Ocidente, conferida nos eventos desgastantes que conduzem, paulatinamente, para a erosão do diálogo entre ambas. Nesse contexto, a projeção dos países eurásianos quanto a uma integração regional é fortemente rechaçada pela imposição de interesses alheios das grandes potências como a Rússia e o Ocidente. Como se não bastasse a posição desconfortável e à deriva do tensionamento na relação entre as grandes potências, os países eurásianos também encontram, a partir desta condição, um cenário altamente dificultado para um novo projeto de integração regional.

3.4. Projetos alternativos de integração

Embora os maiores esforços de integração regional da Eurásia partam da Rússia como forma de projeção de poder, existem outros projetos promovidos de forma alternativa, sobretudo no intuito de limitar as ambições russas no que diz respeito à construção de qualquer tipo de neoimperialismo. Essas propostas alternativas se baseiam muito mais no multilateralismo e na ampla participação dos diversos atores do que na simples vontade arbitrária de uma única potência.

Uma dessas iniciativas é o GUAM – Organização para a Democracia e o Desenvolvimento Econômico, formado atualmente por Geórgia, Ucrânia, Armênia e

Moldávia, cujo principal objetivo é promover a cooperação entre esses países, bem como o desenvolvimento e a interação política nas áreas de interesse comum entre os mesmos. Por não contar com a Rússia como um de seus membros, o GUAM é acusado pelo governo russo de ser apoiado pelos Estados Unidos como um instrumento para minar a influência dos russos no Cáucaso e nas regiões do Mar Negro e Mar Cáspio. Por outro lado, o GUAM se defende colocando-se aberto para o diálogo com a Rússia, que na realidade se mostra quase inexistente, ao passo que a organização tem tomado decisões que vão na contramão dos interesses russos, por exemplo ao dar suporte à Ucrânia no reconhecimento do genocídio do Holodomor ocorrido durante a era soviética (GUAM, 2017).

Outro exemplo são os países do Mar Báltico – Letônia, Lituânia e Estônia – que se juntaram após sua independência da União Soviética para formar a Assembleia do Báltico, uma organização que tem por objetivo promover a cooperação e a integração entre esses três países de forma independente e organizada. Assim como o GUAM, a Assembleia do Báltico vê a necessidade de pautar a cooperação com a Rússia como algo importante, mas de fato são poucas as ações que evidenciem isso na realidade. Isso faz com que a Rússia também demonstre certa desconfiança em relação às ações da Assembleia do Báltico, o que se intensifica ainda mais considerando que a grande maioria das ações da Assembleia se deram com uma orientação pró Ocidente, principalmente com o ingresso de seus países membros na OTAN e na União Europeia (BALASAM, 2021).

Os países da Ásia central também se articularam em projetos próprios, a exemplo da proposta da União da Ásia Central, que não chegou a ser efetivada, mas possibilitou o surgimento de outras iniciativas, sendo a mais notória delas a Organização de Cooperação Econômica (OCE). A OCE é constituída a princípio por países de maioria muçulmana, isso é, pelas repúblicas islâmicas da Ásia central, junto de Irã e Turquia no Oriente Médio. A organização tem como foco o desenvolvimento da cooperação e da integração no âmbito econômico, interagindo também com outras iniciativas, como o Programa de Cooperação Econômica Regional da Ásia Central (CAREC), o qual já investiu quase 40 bilhões de dólares em infraestrutura nos países do centro asiático no intuito de promover o desenvolvimento da região como um conector entre os grandes polos econômicos do continente, quais sejam, Rússia, Japão, China e a União Europeia (ECO, 2017).

Por fim, pode-se citar também a Iniciativa Eurásia, elaborada pela Coreia do Sul em 2013, a qual tem por principal objeto promover a integração nos continentes asiático e europeu principalmente nos âmbitos de infraestrutura e energia (KWON, 2014). A Iniciativa

Eurásia é alicerçada sob 3 princípios: promover a ideia de um único continente através da integração da infraestrutura continental; promover o crescimento da economia criativa pelo continente; e promover a paz no continente através da cooperação em matérias de segurança (MOFA, 2015). Isso se reflete nas 3 diferentes dimensões da Iniciativa: a dimensão geoeconômica, que abrange as questões de cooperação econômica e na realização de projetos conjuntos; a dimensão de segurança, que diz respeito principalmente ao incremento nas relações com a Coreia do Norte; e a dimensão geopolítica, que diz respeito à cooperação tanto com a China quanto com os EUA como uma forma de inserção internacional por parte da Coreia do Sul (TAEHWAN, 2014).

Para além disso, a Iniciativa Eurásia tem como fundamento o uso de projetos já existentes, servindo como espécie de catalisador ou unificador desses projetos em uma única grande iniciativa, a exemplo do projeto russo no leste europeu com a UEE, do projeto chinês com a iniciativa cinturão rota, do projeto europeu de unidade política, etc. (MOFA, 2015).

4. APRESENTAÇÃO DO COMITÊ

A Cúpula das Nações Eurasiáticas será um encontro hipotético dos principais países da Eurásia no ano de 2025 para a apresentação de uma nova proposta de integração regional guiada a partir de 2 pontos principais: a integração econômica através da União Econômica Eurasiática – organização idealizada pela Rússia que visa uma unidade política similar à da União Europeia – e a integração militar através da OTSC, organização militar que opera com o mesmo princípio da OTAN, em que a agressão a um membro implica na agressão a todos os demais.

Nesse cenário hipotético, deve-se considerar a ausência de grandes transformações no contexto internacional, com uma exceção: a imposição de novas sanções por parte da União Europeia e da OTAN contra a Rússia pela anexação da Crimeia em 2014, que dificultam sua conexão por via terrestre com o *oblast*⁹ de Kaliningrado, o qual se localiza entre a Polônia e a Lituânia, ambos membros tanto da OTAN quanto da União Europeia. Diante disso, a Federação Russa decide convidar os países da Eurásia para uma cúpula extraordinária visando a princípio uma reaproximação com a Ucrânia. Nesse contexto, os países do leste europeu, do Cáucaso e da Ásia central aproveitarão a oportunidade para elaborar um novo modelo de integração eurasiática que lhes seja benéfico e não traga comprometimentos políticos, o que

⁹ Por Oblast, entenda-se a denominação às regiões administrativas políticas da Federação Russa. Similar às unidades federativas no Brasil por exemplo.

entrará em conflito com o projeto russo de imposição e de uma integração objetivando a unidade política, sustentada pelo movimento eurasiático que entende como sendo o destino e dever da Rússia se impor e dominar a Eurásia de modo a consolidar um grande império transcontinental (MATOS, 2012). Estes e outros posicionamentos serão mais bem explicados na seção seguinte.

Para se chegar a um melhor acordo, serão também convidadas nações do oriente próximo (como Turquia e Irã), a China – enquanto uma superpotência que deve ser levada em conta – e representantes do Ocidente na figura dos Estados Unidos da América, da União Europeia, da OTAN e do Reino Unido, além dos países Bálticos, os membros da União Eurasiática, da OTSC e outras importantes nações eurasiáticas como a Mongólia, totalizando 25 delegações com 2 delegados cada, chegando assim a 50 delegados. Visando promover um ambiente de debate mais amplo e que possibilite a construção de propostas verdadeiramente edificantes, o comitê irá adotar o novo sistema de regras para simulação no MINIONU, as quais incluem um maior incentivo aos debates não moderados e a decisão por consenso, ou seja, as propostas de resolução só serão aprovadas mediante a ausência de votos contrários, de modo a estimular os delegados a procurarem a melhor solução para todas as partes e não apenas a começarem um embate cujo resultado já é esperado. Além disso, o comitê será de caráter recomendatório, isto é, as resoluções aprovadas se darão apenas no sentido de orientar a melhor forma de se construir esse novo projeto de integração, não cabendo assim decisões mandatórias que venham a comprometer os membros. Ademais, o comitê terá o português como língua oficial e fará uso da moderação tradicional no decorrer das simulações.

5. PRINCIPAIS POSICIONAMENTOS NO COMITÊ

A presente seção tratará dos posicionamentos das delegações do comitê organizadas em blocos regionais e temáticos, à exceção de Rússia e China, dado seu peso e suas especificidades. Ressalta-se que com a adoção do modelo de consenso, todas as delegações são igualmente importantes para o decorrer dos trabalhos do comitê. Portanto, entenda-se que caso uma determinada delegação não seja citada de forma direta, o posicionamento dela será aquele descrito no bloco na qual a mesma se insere e será mais precisamente aprofundado no dossiê específico daquela delegação.

5.1. Rússia

A Federação Russa buscará fazer uso da Cúpula de Nações Eurasiáticas a fim de consolidar seu projeto de poder continental. O país se posicionará visando em última instância construir o cenário favorável para adoção de uma unidade política supranacional com base no que fora elaborada com a União Europeia, de modo a assegurar sua hegemonia na Eurásia, ainda que sob o manto de uma organização supranacional.

Vale ressaltar que, para o cenário apresentado, considera-se que Vladimir Putin permanece no cargo de presidente da Rússia, o que implica dizer que o governo russo permanecerá seguindo as mesmas diretrizes de política externa atualmente vigentes, cujo foco se dá precisamente em fortalecer o poder russo na região e se contrapor ao expansionismo da OTAN e da União Europeia no leste europeu. Assim, é possível dizer que a política externa russa no comitê será orientada tanto a partir da perspectiva pragmática de ganhos econômicos e políticos, quanto da perspectiva duginista do neo-eurasianismo do ponto de vista estratégico, cultural e social, como sendo a rejeição tanto das alianças ocidentais quanto do estilo de vida ocidental (MATOS, 2012).

5.2. Ocidente

O bloco ocidental, composto pelas delegações dos Estados Unidos, União Europeia, OTAN e Reino Unido, atuarão como membros observadores do comitê que, tendo por objetivo expandir sua influência no leste europeu e minar os aliados da Rússia, buscarão trazer os países eslavos – em especial a Ucrânia, dado seu histórico conturbado com a Rússia após a guerra civil de 2014 – para seu lado, mirando assim contornar o projeto de poder russo pelo seu próprio projeto de expansionismo através da inserção de países do leste europeu na OTAN, dando seguimento ao processo iniciado ao fim da Guerra Fria (NATO, 2004).

Por ser composto apenas por membros observadores, o bloco ocidental não tomará parte nas votações substanciais, de modo que seu posicionamento se dará com base em negociações bilaterais para com os países do leste europeu e do báltico na tentativa de convencê-los a não votarem junto da Rússia e seus aliados, o que pode ser intermediado com o uso de propostas que lhes ofereçam vantagens comerciais e proteção militar, mas que não impedem um eventual alinhamento para com estes, desde que dentro das condições aceitáveis.

5.3. China

A princípio, a China se posicionará de maneira alinhada à Rússia e contrária ao bloco ocidental, zelando apenas para que os interesses russos não se contraponham aos interesses chineses, sobretudo na região da Ásia central e da Mongólia, nas quais a China também possui uma forte presença estratégica. Desse modo, o governo chinês manterá seu alinhamento aos russos, na medida em que esses não tentarem se impor sobre a esfera de influência chinesa.

Além disso, a China também terá interesse na construção de uma ampla zona de livre comércio para com a Eurásia a fim de fortalecer sua presença comercial na região, mas não buscará tomar parte em qualquer projeto voltado para a integração política, tão pouco para a integração militar nos termos apresentados inicialmente, o que não impede a cooperação sob determinadas condições aceitáveis pela mesma.

5.4. Países do Leste Europeu

Os países eslavos do leste europeu estarão em uma posição delicada no comitê: enquanto algumas, a exemplo da Bielorrússia, estarão mais inclinados a aceitar o projeto russo, outras, a exemplo da Ucrânia, estarão mais inclinados para com o ocidente e buscarão se opor ao projeto russo por considerá-lo demasiadamente autocrático.

Em geral, os países do leste europeu serão o fiel da balança na disputa de poder entre a Rússia e o Ocidente. Ainda assim, a tendência é de que esses países se alinhem com o projeto russo, contanto que o mesmo não limite a autonomia desses países, que buscam no mundo pós soviético se desvencilhar da imagem de nações subservientes aos poderes de Moscou, a exemplo da Bielorrússia que, apesar de manter uma união estatal com a Rússia, busca nos últimos anos criar uma identidade própria. Todavia, a Ucrânia manterá uma oposição firme e contundente aos russos e irá exigir reparações pela perda do Donbass e da Crimeia em 2014.

5.5. Países do Oriente Médio

O bloco formado pela Turquia e pelo Irã iniciará apresentando uma posição dúbia durante o comitê. Ambos os países terão um maior alinhamento com a Rússia, tendo interesse tanto em vantagens econômicas quanto no aumento da cooperação militar. O Irã tenderá a apoiar de forma mais convicta as propostas da Rússia e irá se dispor a fazer parte de um novo bloco construído a partir dos projetos de integração lavrados de modo a compor uma grande força de oposição ao poder dos Estados Unidos e da OTAN.

Por outro lado, a Turquia tentará um alinhamento duplo tanto para com a OTAN – da qual é um membro pleno – quanto para com a Rússia, com a qual tem mantido boas relações apesar dos ocasionais incidentes. Assim, a Turquia tenderá a manter uma postura mais isenta visando não prejudicar sua relação com o ocidente, sobretudo agora em que a mesma pleiteia a membresia na União Europeia, mas também não irá se opor ao projeto russo, pelo qual irá abrir o diálogo com os países do Cáucaso na tentativa de fazê-los aderir. Outrossim, os países estarão dispostos a aderir a eventuais negociações que fujam desse posicionamento, desde que dentro dos seus padrões aceitáveis.

5.6. Países da Ásia central

O bloco da Ásia central engloba as delegações do Cazaquistão, da Mongólia, do Afeganistão, do Quirguistão, do Uzbequistão e do Tajiquistão, os quais terão um posicionamento semelhante àquele apresentado pelos países do leste europeu, haja vista que a Ásia central, conforme dito anteriormente, encontra-se na interseção das esferas de influência da Rússia e da China, as quais os verão apenas como pontos estratégicos num jogo de poder maior.

No objetivo de ter seus próprios interesses atendidos e escapar dessa disputa das grandes potências, os países da Ásia central, sob a liderança do Cazaquistão, irão buscar construir uma terceira via no que tange às propostas de integração, sem grande interesse na integração política, enfatizando em maior medida o âmbito econômico, a qual assegure uma simetria de poder entre todos os membros, não os submetendo apenas ao julgo dos russos ou de chineses, mas mantendo-se dispostos a negociar com os mesmos, desde que suas demandas sejam respeitadas, mantendo sempre um olhar aos conflitos étnicos recorrentes na região.

5.7. Países do Báltico

A comunidade do Báltico compreende as delegações da Estônia, Letônia e Lituânia, as quais, conforme apresentado anteriormente no guia, tiveram um passado conturbado com a Rússia no que diz respeito à ocupação soviética durante a Guerra Fria, que resultou numa série de deportações, prisões e em uma instabilidade generalizada que perdurou até o fim do regime soviético (HIDDEN, 1994).

Entretanto, na atualidade os países bálticos mantêm uma importante relação comercial com a Rússia, que por sua vez depende deles para assegurar seu acesso aos mares Báltico e do Norte. Assim, a comunidade báltica buscará extrair vantagens econômicas da Rússia e do bloco eurasiático, mas ao mesmo tempo manter seu alinhamento com a OTAN e com a União Europeia, das quais os mesmos fazem parte, visando encontrar um meio termo e uma posição moderada.

5.8. Países do Cáucaso

O bloco composto por Armênia, Azerbaijão e Geórgia iniciará com uma série de dificuldades na orientação do seu posicionamento. A Geórgia será firmemente contrária às propostas vindas da Rússia considerando as recentes relações conturbadas entre os dois países envolvendo a guerra na Ossétia do sul. A Armênia e o Azerbaijão por outro lado tentarão conquistar a confiança da Rússia na expectativa de que essa tome partido em um dos lados no que diz respeito às disputas territoriais pós-guerra do Alto Carabaque, em 2020.

Desse modo, antes de entrar no debate sobre a integração em si, os países do Cáucaso terão que resolver suas próprias questões e buscar uma orientação comum que os leve a cooperar e a conseguir fazer com que suas demandas sejam ouvidas, o que não impede uma eventual cooperação dentro daquilo que é aceitável pelas partes.

5.9. Coreias

A península coreana se mobilizará nas discussões do comitê, a fim de se promoverem numa eventual integração geoeconômica do eixo Oriente-Occidente e também, Norte-Sul. A posição desejada pelas repúblicas coreanas num projeto de integração geopolítica expandida, só será alcançada pela promoção de discussões acerca de rotas ferroviárias e rodoviárias estratégicas que, por sua vez, fortalecem a conexão com a China, Rússia e não obstante, o ocidente, sendo economicamente benéfico para ambas. Desta forma, as Coreias buscarão priorizar o horizonte geopolítico em detrimento das questões notadamente ideológicas da discussão, pautando assim, os seus interesses estratégicos na discussão pelas questões geoeconômicas.

5.10. Organizações multilaterais

Esse bloco será composto por GUAM, OCE e OTSC, onde as duas primeiras buscarão convencer as demais delegações a aderirem a projetos alternativos de integração, se colocando em uma posição mais combativa à Rússia e seus projetos autocráticos, em prol de uma integração pautada no multilateralismo e na ampla participação dos envolvidos.

Por outro lado, a OTSC, enquanto iniciativa russa de integração em matéria de segurança, buscará se posicionar de forma favorável aos projetos russos, auxiliando os demais países com esse alinhamento a construir um projeto consistente e abrangente de integração militar e política.

6. PRINCIPAIS TEMAS A SEREM DISCUTIDOS

- De que modo promover um processo de integração da Eurásia que seja justo e vantajoso para todos os envolvidos considerando suas próprias particularidades?
- Até que ponto vão as divergências de valores entre a Eurásia e o Ocidente? Quais as implicações disso nas relações entre os países?
- Diante de tantos interesses divergentes, a integração, ou mesmo a cooperação militar é viável? Se sim, como levá-la adiante?
- É possível congregiar todos os projetos de integração em um único projeto ou cada bloco deve seguir a sua própria agenda?

7. TABELA DE DELEGAÇÕES

Delegação	Status
Estados Unidos da América	Membro Observador
Federação Russa	Membro Pleno
Geórgia	Membro Pleno
GUAM – Organização para a Democracia e Desenvolvimento Econômico	Membro Observador
Mongólia	Membro Pleno
Organização de Cooperação Econômica	Membro Observador

Organização do Tratado do Atlântico Norte	Membro Observador
Organização do Tratado de Segurança Coletiva	Membro Observador
República da Arménia	Membro Pleno
República do Azerbaijão	Membro Pleno
República da Bielorrússia	Membro Pleno
República do Cazaquistão	Membro Pleno
República da Coreia	Membro Pleno
República da Estónia	Membro Pleno
República Islâmica do Afeganistão	Membro Pleno
República Islâmica do Irã	Membro Pleno
República da Letónia	Membro Pleno
República da Lituânia	Membro Pleno
República da Moldávia	Membro Pleno
República Popular da China	Membro Pleno
República Popular Democrática da Coreia	Membro Pleno
República Quirguiz	Membro Pleno
República da Turquia	Membro Pleno
Ucrânia	Membro Pleno
União Europeia	Membro Observador

REFERÊNCIAS:

- ABU-LUGHOD, Janet. **Before European Hegemony**. Oxford University Press. Oxford University. Nova York. 1989.
- BALTIC ASSEMBLY. **European and Transatlantic Integration**. Baltic Assembly. 2021. Disponível em: < <https://www.baltasam.org/history/integration>>.
- BERTAZZO, Juliana. **Atuação da OTAN no pós-Guerra Fria: implicações para a segurança internacional e para a ONU**. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-85292010000100003>. Acesso em: 25 de março de 2021.
- BRYANSKI, Gleb. **Russia's Putin says wants to build "Eurasian Union"**. Reuters. 2011. Disponível em: < <https://www.reuters.com/article/us-russia-putin-eurasian-idUSTRE7926ZD20111003>>.
- CHAADAEV, Petr Yakovlevich. **Filosoficheskie Pis'ma**. Philosophy.ru. 2009. Disponível em: <<http://www.philosophy.ru/ru/library/chaad/lettr/chaad1.html>>.
- COLLECTIVE SECURITY TREATY ORGANIZATION. **From the Treaty to the Organization**. Collective Security Treaty Organization. 2019. Disponível em: <<https://en.odkb-csto.org/25years/>>.
- COMMONWEALTH OF INDEPENDENT STATES. **About CIS**. CIS Executive Committee. 2017. Disponível em: < <https://cis.minsk.by/site/about-cis>>.
- ECONOMIC COOPERATION ORGANIZATION. **ECO Vision 2025 and Implementation Framework**. Economic Cooperation Organization. 2017. Disponível em: < http://www.eco.int/parameters/eco/modules/cdk/upload/content/general_content/3624/1506486491201cflnbtm0acra83f5arho4dgc65.pdf>.
- EAEU. **About the Union**. Eurasian Economic Union. 2021. Disponível em: < <http://www.eaeunion.org/?lang=en#about>>.
- GREENACRE, Liam. **Korenizatsiya: The Soviet Nationalities Policy for Recognised Minorities**. Liam's Look at History. 2016. Disponível em: <<http://liamslookathistory.blogspot.com/2016/08/korenizatsiya-soviet-nationalities.html>>.
- GRYTSENKO, Oksana. **Armed pro-Russian insurgents in Luhansk say they are ready for police raid**. Kyiv Post. 2014. Disponível em: <<https://www.kyivpost.com/article/content/war-against-ukraine/armed-pro-russian-insurgents-in-luhansk-say-they-are-ready-for-police-raid-343167.html?cn-reloaded=1>>.
- GUAM. **About GUAM**. Organization for Democracy and Economic Development. 2017. Disponível em: < <https://guam-organization.org/en/about-the-organization-for-democracy-and-economic-development-guam/>>.
- HIDDEN, John; SALMON, Patrick. **The Baltic Nations and Europe**. Longman Group. 3ª edição. Longman Inc. Nova York. 1994.
- HOWARD, Jenny. **Plague was one of history's deadliest diseases-then we found a cure**. National Geographic. 2020. Disponível em: <<https://www.nationalgeographic.com/science/article/the-plague#:~:text=The%20plague%20killed%20an%20estimated,in%20which%2070%2C000%20residents%20died.>>>.
- HUNTINGTON, Samuel Phillips. **O Choque de Civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial**. Objetiva Editora. 1ª edição. 1997.
- KWON, Yong. **South Korea's Eurasia Ambitions**. The Diplomat. 2014. Disponível em: < <https://thediplomat.com/2014/08/south-koreas-eurasia-ambitions/>>.
- LAVROV, Sergey. **Foreign Minister Sergey Lavrov's interview with the Kazinform International News Agency**. The Ministry of Foreign Affairs of the Russian Federation. Moscow. 2020. Disponível em:

<https://www.mid.ru/en/foreign_policy/un/-/asset_publisher/U1StPbE8y3al/content/id/4462697>.

LEW, Young Ick. **Brief history of Korea: a bird's eye view**. New York: The Korea Society, 2000.

MACFARQUHAR, Neil. **Russia and 2 Neighbors Form Economic Union That Has a Ukraine-Size Hole**. The New York Times. 2014. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2014/05/30/world/europe/putin-signs-economic-alliance-with-presidents-of-kazakhstan-and-belarus.html?_r=0>.

MACKINDER, Halford John. **The Geographical Pivot of History**. The Geographical Journal. Vol 170. 2004.

MATOS, Dídimos. **O Neo-Eurasianismo e o Redespertar Russo**. Revista de Geopolítica. Vol 3. Natal. 2012.

MAZAT, Numa; SERRANO, Franklin. **O renascimento de uma potência? A Rússia no século XXI**. Brasília, 2012.

MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS. **EurAsia Initiative**. Ministry of Foreign Affairs. Seul. 2017. Disponível em: <>.

MORRISON, Alexander. **The Central Asia Revolt of 1916**. Manchester University Press. Manchester University. Manchester. 2020.

NATO. **A Transformação da OTAN**. North Atlantic Treaty Organization. 2004. Disponível em: <https://www.nato.int/nato_static/assets/pdf/pdf_publications/20120116_nato-trans-por.pdf>

PEREIRA, Tito Lívio Barcellos. **O Neoeurasianismo russo e a Multipolaridade como "desconstrução" da Ordem Mundial**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2010.

PIKE, John. **Ukraine Special Weapons**. Global Security. 2005. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20050401062100/http://www.globalsecurity.org/wmd/world/ukraine/index.html>>.

SECSCO. **The Shanghai Cooperation Organisation**. Shanghai Cooperation Organisation Secretariat. Shanghai. 2015. Disponível em: <http://eng.secsco.org/about_sco/>.

SEGRILLO, Angelo de Oliveira. **Europa ou Ásia? A questão da identidade russa nos debates entre ocidentalistas, eslavófilos e eurasianistas**. Universidade de São Paulo. São Paulo. 2016.

SHAGDAR, Bira. **The Mongol Empire in the Thirteenth and Fourteenth Centuries**. The Silk Roads. Bergahn. 2000.

TAEHWAN, Kim. **Beyond Geopolitics: South Korea's Eurasia Initiative as a New Nordpolitik**. The Asam Forum. 2015. Disponível em: <<https://theasanforum.org/beyond-geopolitics-south-koreas-eurasia-initiative-as-a-new-nordpolitik/>>.

VALK, Dionéia Gabrieli; EICHNER, Elisa Felber; ROMAN, Maitê; TESSUTO, Sérgio Minuzzi.

CONSELHO DE SEGURANÇA DAS NAÇÕES UNIDAS (1950) - A Guerra das Coreias.
Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/ufrgsmundi/wp-content/uploads/2017/09/Guia-2017-MUNDI-Web.pdf#page=138> Acesso em: 26 mar 2021.

ZHEBIT, Alexander. **A Rússia na ordem mundial: com o Ocidente, com o Oriente ou um pólo autônomo em um mundo multipolar?** Brasília, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-73292003000100008&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 25 de março de 2021.